

# FILLOSOFIA AFRICANA

Pensadores Africanos  
de todos os tempos

# Filosofia Africana

Pensadores Africanos de todos os tempos

‘Filosofia de todas as cores’ - Livro 1

Copyright © 2020 - Thiago Tamosauskas

All rights reserved. No portion of this book may be reproduced in any form without permission from the publisher, except as permitted by U.S. copyright law. For permissions contact: [thiago.gt@gmail.com](mailto:thiago.gt@gmail.com)

Copyright © 2020 - Thiago Tamosauskas

Todos os direitos reservados. Este ebook ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do ebook.

ISBN: 978-65-00-24715-2

# ÍNDICE

## PREFÁCIO

### Introdução

Filosofia Kemética: o pensar no antigo Egito

Imhotep: o segredo das pirâmides

Hardjedefe: viver é se preparar para a morte

Ptah-Hotep: a luz de Maat

Merikaré: a arte de governar

Kagemni: o silêncio como virtude

Amenemés I: diálogo com a própria alma

Khun-Anup: luta contra a opressão

Tutmes III: as escolas de mistérios

Civilização Yorubá: os tipos de conhecimento

Akhenaton: um só Deus

Escola de Alexandria: A África se abre ao mundo

Judaísmo helenístico: fé e razão

Neopitagóricos: tudo são números

Neoplatonismo: a epopeia da alma

A Patrística: o nascimento da teologia

Santo Agostinho: o gênio da Argélia

Reino do Congo: a força como valor

Filosofia no Período Colonial

Kocc Burna Fall: o sábio rabugento

Zara Yacob: a origem etíope do racionalismo

Anton Wilhelm Amo: empirismo em Gana

[Edward Wilmot Blyden: o ser africano](#)

[James Africanus Beale Horton: não existem raças](#)

[Filosofia Moderna na África](#)

[A Escola Francófona](#)

[Léopold Sédar Senghor: humanismo africano](#)

[Aimé Césaire: sobre a negritude](#)

[Frantz Fanon: a necessidade da descolonização](#)

[Achille Mbembe: capitalismo e necropolítica](#)

[A Escola Anglófona de Filosofia](#)

[John Mbiti: Ubuntu, identidade na coletividade](#)

[Kwasi Wiredu: a releitura de todo o saber](#)

[Kwame Gyekye: ouvindo a cultura oral](#)

[Hountondji: a filosofia africana ainda será escrita](#)

[Oruka: a filosofia da sagacidade](#)

[Palavras finais](#)



# PREFÁCIO

Este livro é uma gostosa provocação para a busca de origens de pensadores e de conhecimentos que, de certa forma, moldaram o mundo e a forma de pensarmos até nossos dias e mesmo a civilização judaico-cristã.

Nele, podemos ver que um faraó do séc. XXI a.C. teria importantes conselhos para os governantes de hoje como, como vemos abaixo:

“Para ter força, sê um artesão das palavras. A língua é a espada do rei e a palavra é mais poderosa que qualquer outra arma” ou “Um povo rico não se levanta para rebelar-se”.

E assuntos e questões urgentes de nosso tempo, mas que perpassam toda a história, como o reencontro (ou a descoberta para alguns) com o pensamento do filósofo e psiquiatra Franz Fanon, que numa frase quase profética afirmou

“Quando nos revoltamos, não é por uma cultura particular. Nós nos revoltamos simplesmente porque, por muitas razões, não conseguimos mais respirar”.

Faz uma ligação brutal e não por acaso com o triste episódio de George Floyd, que foi morto em maio de 2020, asfixiado por um policial branco ao colocar o joelho em seu pescoço enquanto George já estava imobilizado, deitado no chão e clamando “eu não consigo respirar”.

Esse importante resgate do legado dos diversos povos e pensadores da África e sua contribuição para a construção do saber humano, muito além das questões raciais e colonialismo, é necessário para ajudar a tirar do imaginário, sobretudo ocidental, de uma África pobre, culturalmente atrasada e que precisa ser resgatada. Nos faz lembrar que impérios tão complexos e poderosos além do egípcio

tiveram lugar lá. Pensadores profícuos e ensinamentos profundos foram gerados lá. Também grandes descobertas em todas as áreas do conhecimento.

Não é somente resgatar o passado. Hoje temos uma quantidade importante de pesadores, filósofos, escritores de diversos países e culturas produzindo e cultivando material riquíssimo e relevante para o mundo.

Com uma linguagem acessível, mas muito acurado, quase ouvimos o autor nos contar as histórias da filosofia africana e seus atores. Uma caminhada pelo tempo, há mais de três mil anos até nossos dias, e pela gigantesca e variada geografia do continente africano.

Poucas vezes encontrei-me pessoalmente com Thiago Tamosauskas, mas nas redes sociais e no mundo das ideias, nossos encontros têm sido muito mais frequentes e, de minha parte, muito gratificantes e enriquecedores.

Uma mente ágil e inquieta, que não se prende a nenhuma área, mas a tudo vasculha, questiona, até mesmo brinca, reflete, provoca e produz, desde biografias interessantíssimas e bem-humoradas, com forte apoio histórico, de santos católicos até livros de tecnologia da informação e usabilidade. E em meio a tudo isso, surge esse pequeno e importante compêndio de filosofia africana.

Uma leitura necessária, provocativa, que seja um incentivo à pesquisa e ao aprofundamento das importantes e profícuas filosofias e culturas africanas.

-Rogério Silva, São Bernardo do Campo, 2020





# Introdução

"Se quer saber o final, preste atenção no começo."

- Provérbio Nigeriano

Além de ser um continente gigantesco, a África é o continente com as mais antigas atividades humanas. Sua ancestralidade abarca diferentes milênios, culturas, idiomas e países. É, portanto, ingênuo acreditar que poderemos traçar uma filosofia todo abrangente capaz de abarcar todas as escolas de pensamento africano. Isso não existe. Homogeneidade de pensamento é impossível em um continente de cultura tão rica.

O que faremos aqui é um voo panorâmico pela história do pensamento na África. Assim vamos nos concentrar em algumas regiões e períodos culturais marcantes, a saber:

- Filosofia Kemética (Egito). Do séc. XXX antes de Cristo a.C. ao séc. I a.C.
- Escola de Alexandria. Do séc. VII a.C. ao II a.C.
- Patrística. Do séc. I d.C. ao séc. IV d.C.
- Civilização Yorubá. Do séc. V a.C. ao séc. XIII d.C.
- Reino do Congo. Com foco no séc. XIV d.C.
- A Cultura Akan. Séc. XVI d.C.
- Período Colonial. Séc. XVII d.C. ao séc. XIX d.C.
- A Escola Francófona e a Escola Anglófona. Do séc. XX em diante

Devemos ter em mente desde já que muito da tradição filosófica africana dos primeiros milênios foi oral. Isso torna difícil o acesso e definição de termos, posições e ideias importantes. Além disso, ainda existem hoje relativamente poucos livros publicados sobre a filosofia africana. Esta obra, embora pequena e introdutória, é uma tentativa de mudar este cenário. Todos os nomes citados aqui podem ser muito melhor explorados em obras próprias e mais profundas no futuro.



# Filosofia Kemética: o pensar no antigo Egito

Uma civilização sem igual surgiu milênios atrás às margens do rio Nilo, no Kemet (Antigo Egito). Essa cultura tem uma história tão antiga que o intervalo de tempo separando Cleópatra de Menés (o primeiro Faraó) é maior do que aquela que separa Cleópatra dos dias de hoje. São mais de três milênios de história que vão do período pré-dinástico até o helenismo.

Durante todo este tempo as conquistas egípcias não foram poucas. Grandes avanços e conquistas foram feitos em campos tão diversos como agricultura, metalurgia, astrologia, matemática e arquitetura.

A palavra Sabedoria/Conhecimento em hieróglifo é composta de uma boca, uma placenta e um papiro. Além de nos fazer pensar se a ideia socrática do filósofo como parteiro é original isso também nos mostra principalmente que a ideia da Sabedoria já estava no vocabulário do Antigo Egito. Adicione um homem sentado a esse hieróglifo e você terá a palavra Erudito ou Sábio.

Mas podemos chamar estes Sábios de filósofos? Para que não haja dúvidas essa palavra Sábio é definida da seguinte maneira na inscrição de Antef cerca de dois mil anos atrás:

"É aquele cujo coração é informado sobre as coisas que de outra forma seriam ignoradas. Que busca a visão clara quando está aprofundado em um problema, que é moderado em suas ações, que penetra nas escrituras antigas, alguém cujos conselhos resolvem as complicações, que é verdadeiramente sábio, que é instruído em seu próprio coração que supera hoje o que conquistou ontem, que é mais sábio do que um sábio, que busca para si a sabedoria que pede conselhos e os analisa e que também é buscado para aconselhar."

Há muitas coisas que chamam a atenção nessa descrição. Uma delas é a existência de escrituras que já eram antigas dois milênios atrás. Isso mostra o tamanho monumental da cultura kemética (egípcia). Além disso o erudito não é apenas quem conhece a literatura, mas que se aprofunda sempre buscando e dando conselhos capazes de resolver complicações.

Dentro dessa cultura, um dos exemplares mais famosos de escritura é o Livro dos Mortos. Não é um livro de filosofia e nem um livro propriamente dito, mas suas placas nos trazem vislumbres da mentalidade por trás desta civilização.

O Livro dos Mortos era uma espécie de manual colocado junto das múmias com instruções e feitiços que os falecidos poderiam usar no mundo dos mortos. Por meio dele conhecemos coisas importantes da cultura kemética. Ideias originais que ainda não haviam sido exploradas por nenhum povo da humanidade. Entre elas:

- A preparação para a morte como a parte mais importante da vida;
- A ideia da imortalidade da alma;
- A ideia de separação do corpo/mente;
- A classificação de vários tipos de mente em um mesmo indivíduo;
- Princípios éticos e morais;
- A ideia da correlação entre Justiça e Verdade.

Além das obras religiosas, temos outra fonte poderosa de acesso ao pensamento egípcio. Está exposto da literatura sebayt, um gênero literário com ensinamentos e instruções éticas, políticas e metafísicas sobre como governar com sabedoria e como viver bem. Não diferente dos livros sapienciais dos judeus, aos quais provavelmente deu origem. Estas obras eram um gênero literário que tinha como objetivo a instrução de filhos de faraós, escribas, vizires e demais membros do alto-escalão da realeza faraônica. Vamos ver vários exemplos de literatura sebayt mais para frente nesse livro.

Estes são apenas alguns indícios de que o amor pela sabedoria não foi simplesmente inventado por este ou aquele povo, mas é parte da

própria natureza humana. Nesse sentido podemos dizer que desde que humanidade existe, existem os filósofos. Esta é uma verdade, mas é verdade também que a filosofia africana é a mais antiga tradição do pensamento de que temos notícia.



# Imhotep: o segredo das pirâmides

Século XXVIII a.C.

Imhotep foi o primeiro gênio amplamente celebrado da humanidade. Entre seus feitos está o de ter escrito o mais antigo tratado médico da história e de ser o grande arquiteto que construiu as primeiras pirâmides. Seu prestígio foi tão grande que, após sua morte, seu nome foi elevado ao status de semideus e passou a ser cultuado pelos amantes do saber e dos mistérios da cura.

Infelizmente sua tumba ainda não foi encontrada e não deixou nenhum livro ou material escrito. Mas o papiro Beatty diz claramente que "Seu livro de sabedoria foram suas pirâmides, sua pena e seus filhos."

Se as pirâmides são seu livro de sabedoria de fato muitas lições podem ser tiradas de lá. Listo algumas:

- Domínio de geometria e técnicas avançadas de construção;
- Monumento como recurso estético para perpetuar um ensinamento;
- Importância da preparação para a morte;
- Organização sociopolítica de como unir um povo em torno de um objetivo em comum

O famoso arqueólogo e egiptologista Zahi Hawass resume bem a relevância de Imhotep quando diz que "Às pirâmides uniram o Egito"

Ao contrário do que se pensava antes, as pirâmides não foram construídas por escravos. Há documentos provando que eram funcionários pagos e análises de ossos provando inclusive que recebiam tratamento médico.

As pirâmides uniram o Egito cultural e economicamente. E elas passam uma mensagem que ainda hoje ecoa em toda a humanidade.



A ideia de que existe algo maior e mais grandioso do que nossa vida diária, seja um mundo no além, seja o legado que vamos deixar quando formos embora. Há ainda hoje um ditado egípcio que diz: Todo mundo tem medo do tempo, mas o tempo tem medo das pirâmides.



# Hardjedefe: viver é se preparar para a morte

Século XXV a.C.

Apenas poucos fragmentos dos escritos de Hardjedefe chegaram até nós, mas qualquer coisa que alguém tenha escrito 27 séculos atrás com certeza foi algo pioneiro. Ele fala da necessidade da auto-observação e autocorreção: “Corrija a si mesmo diante de seus próprios olhos, cuidado para que outro homem tenha que corrigir você”.

O objetivo disso não é arbitrário, mas garantir uma boa morte pois “Quando alguém se desgarrar e a morte se aproxima do homem são somadas as transgressões de tudo o que fez ontem. Ele é enterrado como um desprezado na necrópolis e seu fim será vil e os seus restos serão uma punição dos deuses e suas más-ações serão evidenciadas... e miséria”.

Segundo os fragmentos de Hardjedefe, para que a morte seja bem-sucedida, além de corrigir a si mesmos é necessário que os rituais apropriados sejam seguidos e não basta confiar nos filhos pois “nenhum herdeiro lembra para sempre”. A “Casa dos Mortos pertence aos vivos”, assim é importante indicar um administrador e um sacerdote para cuidar de todos os detalhes.

Para uma pessoa ter suas oferendas e rituais devidamente observados após a sua morte é necessário que essa pessoa seja amada e temida pelos que ficarem. “Escolha alguém que lhes faça as oferendas entre as pessoas em quem inspira medo para que ele traga ofertas ao seu espírito e não coma os peixes e as oferendas dos Altares” e “seu coração deve estar contente com eles e não deve haver ninguém que fale contra você lhe maldizendo aos deuses”.

Mas os fragmentos ainda dizem que a preparação para a morte não é desculpa para ignorar os aspectos da vida como família, trabalho e propriedade.

“Quando estiver estabelecido e desejar encontrar uma casa, consiga uma mulher que lhe dê um filho”, “buscar um campo na sua propriedade que seja inundado todos os anos e isso será mais benéfico do que o seu próprio filho, conforme você avançar em idade”. “Uma casa que seja inundada de acordo com as escrituras para plantar e pegar peixe e pássaros e para prevenir de que os dias e anos e necessidade”.

Hardjedefe mostra como a preparação para a morte foi um grande norteador da vida egípcia. Este assunto é na cultura egípcia um tema dominante da estética, é a base da ética, o centro da organização política e um grande motivador do trabalho e das conquistas materiais.

Quantas vezes na semana lembramos hoje que um dia vamos morrer?

# Ptah-Hotep: a luz de Maat

Século XXV e XXIV a.C.

As Máximas de Ptah-Hotep é o primeiro tratado de ética e filosofia moral da história da humanidade que chegou inteiro à era moderna. Trata-se de conselhos de Ptah-Hotep para seu filho cuja essência está no ideal de “Maat”, a deusa da verdade e da justiça:

“Luminosa é a Maat duradoura sua eficácia; ela não foi perturbada desde os tempos de Osíris. Ainda quando tudo chega ao seu fim, o seu Ideal permanece”.

É na pena de Maat que o coração dos falecidos é pesado, segundo o Livro dos Mortos. Apenas se estes corações forem tão leves quanto sua pluma, o espírito dos mortos encontrará um bom descanso.

Maat é também o primeiro grande conceito abstrato do pensamento africano. É o senso de regularidade e ordem do universo, uma palavra que pode ser traduzida como Lei, Ordem, Razão, Verdade ou Justiça.

Maat é o grande princípio mantenedor da ordem, tanto no reino dos homens como na natureza, regulando o ciclo das estações, das chuvas e dos astros. Quando algo se afasta de Maat, essa regularidade e ordem é quebrada e surge a doença, a infertilidade, a feiura e a imperfeição.

Espelhando essa ordem da natureza a sociedade kemética se organizava e o indivíduo se orientava por Maat. Quando o ser humano se comporta de maneira apropriada e correta está manifestando Maat na retidão, nas observações religiosas, nas negociações justas e nas boas interações sociais.

Mais do que uma ética ou valor moral Maat é a própria realidade. Revelador perceber que mesmo o Deus criador Ra vive em Maat. Seguir esta ordem é estar em harmonia com tudo, se afastar dela é caminhar para a derrota e a infelicidade. No caso dos governantes isso é ainda mais grave: um faraó injusto e desonesto pode trazer fome e miséria para todo o povo.

Existem indícios linguísticos que mostram que a noção de Maat se espalhou do Egito para toda África. A partícula mat ou ma está presente ainda hoje em muitos dos idiomas africanos com o mesmo significado de razão, verdade ou justiça:

Cóptico: Maat

Camarões: mat

Sudão: mat

Congo: ma

Fang: mie

Gabão: mya

Nigéria: ma ou mo

Etiópia: moyo

Mesmo os idiomas semíticos não escaparam desta influência da raiz linguística afro-asiática. Em hebraico emet significa verdade, que guarda ainda o exato mesmo sentido

Os conselhos de Ptah-Hotep para trilhar o caminho de Maat são a prática de virtudes como bondade, trabalho, humildade, generosidade e franqueza bem como a prevenção de vícios como a ganância, o vão acúmulo de riquezas e a desonestidade.

Outros pontos importantes para uma vida em Maat é que nos dediquemos a formação de uma família e aprendamos a ouvir um bom mestre. É, portanto, essencial saber diferenciar um mestre ruim de um mestre bom.

Outra chave de Ptah-Hotep para a sabedoria é o silêncio. Diversas de suas máximas enfatizam a importância do saber ouvir. Quem faz silêncio escuta mais do que fala, fala menos bobagem, se compromete menos e se arrepende menos. Silêncio significa

tranquilidade, calma e humildade. O deus Amon mesmo era "o senhor do silêncio, o protetor do silêncio.





# Merikaré: a arte de governar

Século XXI a.C.

Este faraó da décima dinastia foi o primeiro rei-filósofo da história. Sua obra de conselhos reais “Ensinamentos de Merikare” é o texto político mais antigo do Egito e, portanto, da humanidade. Trata-se de um manual de como governar no formato de um testamento onde ele relembra seus erros e acertos.

Na época o Egito estava dividido entre Alto e Baixo Egito, cada um com uma linhagem real. Havia fomes, invasões, rebeliões, jogos de poder e guerras civis. Merikaré tratou de tudo isso.

Ele destacou a importância de uma boa oratória: "Para ter força, sê um artesão das palavras. A língua é a espada do rei e a palavra é mais poderosa que qualquer outra arma".

Para evitar rebeliões, é preciso manter tanto o povo como a nobreza como aliados. Ele sabe que isso não é tarefa fácil e faz o contraste entre o governo ideal e o mundo real.

O respeito dos magnatas é conseguido mantendo a grandiosidade de suas casas e as rixas entre as famílias nobres podem ser resolvidas pela mistura entre elas, promovidas pelo casamento. Além disso, Faraó deve promover publicamente os princípios de Maat de verdade e justiça, pois uma nobreza educada nesses valores não usurpa o trono.

Já o povo só precisa não ser oprimido com punições injustas. Deve-se ter muito cuidado para não punir inocentes, evitar sempre que possível o uso da violência e, se necessário, preferir o açoitamento e a prisão em vez da pena de morte.

Mas a base do governo não deve ser repressiva e sim baseada na prosperidade. “Um povo rico não se levanta para rebelar-se” e “Não empobreça o povo de maneira que não o veja levado à rebelião, pois

é o povo pobre que fomenta o distúrbio. Não faça diferença entre o filho de um homem de qualidade e o de um homem comum."

Construir monumentos não honra apenas os deuses, mas traz prosperidade ao povo e faz com que o faraó que promoveu seja lembrado para sempre.

Para proteger a riqueza do Egito, é importante também proteger o reino de ataques estrangeiros. É sábio patrulhar fronteiras para evitar que a guerra seja travada dentro do reino. As tropas devem ser formadas de jovens até 20 anos, porque são mais dispostos, e os veteranos devem voltar para casa para poder criar seus filhos e garantir a próxima geração de soldados. As tropas devem ser bem pagas e bem equipadas. Por fim, na escolha dos soldados, não deve haver preferência entre nobres e plebeus, mas sim serem escolhidos por suas habilidades.



# Kagemni: o silêncio como virtude

Século XX a.C.

No livro que chegou a nós com o título “Instruções de Kagemni”, seu autor se apresenta como um orientador de virtudes, ou como chamamos hoje, um professor de ética. Isso porque não se trata de uma lista de mandamentos religiosos, como temos no juramento do Livro Egípcio dos Mortos, mas conselhos morais práticos e suas consequências em uma boa vida.

A questão do silêncio é exemplar. O modelo por excelência da pessoa virtuosa entre os egípcios era o de alguém que escuta mais do que fala. Para se ter uma ideia, dos 42 juramentos que a alma deve fazer no tribunal de Osíris ao morrer, 10 deles são relacionados ao mal-uso da palavra:

Não proferi mentiras.

Não proferi palavras sujas.

Não sou homem de falsidades.

Não caluniei.

Não blasfemei.

Não forcei debates.

Não multipliquei palavras em discursos.

Não levei alguém ao erro.

Nunca levantei minha voz, falei com arrogância ou raiva.

Nunca amaldiçoei ou blasfemei.

Mas, em vez de falar de outra vida com punições ou recompensas, Kagemni explica as vantagens de ser o “homem silencioso”. O tal homem silencioso é elogiado como o maior exemplo de sabedoria por sua modéstia, calma e autocontrole.

“O homem tímido prospera, e é louvado quem sabe se adaptar. As tendas são abertas ao silencioso e espaçoso é o assento do satisfeito”.

O homem sábio não se gaba nem se exalta e por isso é bem recebido em toda parte: “Quando for chamado, não venha com grande personalidade para que não seja desafiado”.

Em vez de exaltar a si mesmo são suas ações que falam por ele:

“Deixe seu nome avançar enquanto você silencia tua boca. As ações que levam seu nome são melhores que palavras ao vento”.

A modéstia e a moderação são o caminho indicado para quem quer ser uma pessoa virtuosa e quem assim procede evitará as armadilhas do orgulho e da gula. Infelizmente, apenas a parte final desta obra chegou até nós em forma de fragmentos. Ironicamente, a história guardou silêncio quanto ao restante do livro.



# Amenemés I: diálogo com a própria alma

Sec. XX a.C.

O existencialista Albert Camus disse certa vez: "só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio". Este é justamente o assunto do manuscrito "Disputa entre um Homem e sua Alma", supostamente escrito pelo faraó Amenemés I.

É também a primeira ficção-filosófica da história. Neste diálogo um homem lamenta sobre as "misérias da vida". O fragmento que temos nos dá a impressão que o diálogo já está ocorrendo a algum tempo e a alma quer abandonar um homem que quer se matar. O problema é que se a alma o abandonar ele não poderá passar pelo tribunal de Osíris que o espera no além. Assim ele precisa convencer sua alma que se matar é uma boa ideia.

O homem diz que a vida é pesada demais para ele carregar e que seu coração deve ir descansar no Oeste (o pós-vida), pois seu nome sobreviveria e seu corpo poderia descansar. Pede apenas que a alma seja paciente e espere seu filho nascer para cuidar dos rituais fúnebres.

A alma responde dizendo que o homem deveria se envergonhar e parar de reclamar e que a morte é mais miserável pois traz tristeza aos homens. Para isso, ela responde às objeções do homem sobre a falta de valor, humanidade e a atratividade da morte. A alma tenta convencer o homem que, no lugar de acabar com a vida, ponderar sobre ela. Para isso responde às queixas humanas sobre sua falta de valor, o afastamento da humanidade e a aparente atratividade da morte.

A autoria deste diálogo é disputada, mas muitos manuscritos da XII<sup>a</sup> dinastia são atribuídos ao faraó Amenemés I, tanto pela data, como

por seguir o conhecido estilo pessimista do monarca. Em outro livro dele “As profecias de Neferti” ele conta a história de um Egito do cheio de dificuldades. Em “Instruções do rei Amenemés I.” um fantasma faz um monólogo sobre seu próprio assassinato, exortando seus leitores a “não confiar em ninguém”.





# Khun-Anup: luta contra a opressão

Séc. XIX a.C.

O manuscrito “O Camponês Eloquente” conta a história de um camponês que é enganado e tem seus animais roubados por um oficial que, além disso, o açoitava injustamente. É uma verdadeira defesa da justiça social, mostrando que a luta de classes, a preocupação com os pobres, a justiça social são problemas muito antigos

O oficial era rico, bem relacionado e representante do faraó. O camponês só tinha o poder da palavra. Sua defesa principal é que quem introduz injustiça na sociedade prejudica não apenas aquele que explora, mas toda a sociedade, inclusive a si mesmo: "Quem quer que roube os bens dos pobres, tira o próprio sopro da vida de si mesmo".

Em sua defesa, procura uma instância superior e argumenta com eloquência. O magistrado fica impressionado, mas defende o oficial e Khun-Anup descobre como é difícil levar os poderosos à justiça, uma vez que a autoridade é sempre de quem tem poder.

Ele é ignorado, mas não desiste. Recorre nove vezes ao magistrado e cada discurso é uma aula sobre a natureza de Maat, ou seja, da Justiça. Como ele disse: "Ignore uma injustiça e ela se fará duas."

O magistrado, constrangido pelas palavras de apelo, leva o caso para o primeiro ministro que finalmente escuta os apelos de Khun-Anup. Ele devolve seus animais, dá posses do oficial como compensação e ainda leva o camponês para os escribas transcreverem seu livro.

É assim que “O Camponês Eloquente” de Khun-Anup se torna a primeira obra registrada contra a opressão dos poderosos. Nela, a vontade moral e determinação a favor de Maat (Justiça/Verdade)

são o único caminho. Mas não há garantias senão pela insistência do oprimido.



# Tutmes III: as escolas de mistérios

Século XV d.C.

Antes das universidades europeias e das madrassas árabes, antes do Liceu de Aristóteles e da Academia de Platão, o Antigo Egito criou a primeira escola filosófica da história. Tutmes III, faraó da XVIIIª dinastia, não deixou grandes escritos, mas seu legado instituiu a primeira dessas fraternidades de ensino e aprendizagem do saber.

Na época de Tutmes III, os sábios, sacerdotes e escribas, dotados de conhecimentos sobre a natureza, a religião e de campos de estudos como matemática e astronomia, se reuniam informalmente nos templos e na residência do faraó.

Tutmes III unificou essas organizações informais e instituiu a primeira academia formal da humanidade. Os membros dessas escolas eram preparados para o serviço ao reino e para isso eram instruídos e iniciados nos mistérios da religião, do ser humano e das forças naturais.

Como nem todos estes conhecimentos concordavam com as crenças populares ou a religião oficial, as escolas de mistérios funcionavam da maneira oculta e com membros seletos. Inicialmente, apenas membros da corte participavam, mas com o tempo foi havendo uma maior abertura.

Essas instituições foram tão importantes que sobreviveram a conquista do Império Egípcio por parte de Alexandre, o Grande em 332 a.C.

As escolas de mistérios foram a maneira principal pela qual a sabedoria kemética sobreviveu pelos séculos. Elas serviram de modelo e se desdobraram em várias outras fraternidades místicas e filosóficas posteriores, como a dos mistérios eleusinos, os essênios, o orfismo, o mitraísmo escola pitagórica.

Muitos dos famosos filósofos gregos foram iniciados nas escolas de mistérios egípcias. Sabemos, de fato, que muitos nomes célebres como Tales de Mileto, Pitágoras, Demócrito e Platão, entre outros, passaram anos estudando nas escolas egípcias em busca de sabedoria e foram iniciados dentro delas.



# Civilização Yorubá: os tipos de conhecimento

Séc. V

A cultura yorubá começou a se formar no século V a.C., às margens do rio Níger, e hoje está presente em países como Nigéria, Gana, Togo e Benin, assim como na Santeria do México e no Candomblé brasileiro. Yoruba significa "aqueles que fazem oferendas aos orixás".

Segundo a filósofa Sophie Oluwole, a filosofia yorubá foi fundada por Orunmila que, assim como Sócrates, não deixou nada escrito, mas iniciou a tradição oral que atravessou séculos ao ser encapsulada no Ifá, popularmente conhecido como o Jogo de Búzios. Se Orunmila foi ou não um iniciado nas escolas de mistério egípcias é algo ainda incerto.

Seja como for, o Ifá preserva seu conhecimento. Os búzios permitem 16 resultados possíveis que, quando combinados entre si, formam 256 odus. Cada odu tem seu conjunto de versos, histórias, fábulas, mitos e provérbios que perpetuaram a cultura Yorubá.

O ponto de partida da filosofia yorubá é a categorização das formas de saber. São elas:

- Imo: a experiência direta: cheirar uma flor, ver um arco-íris, se apaixonar. Este tipo de conhecimento é o mais forte e não precisa de nenhuma prova ou justificação. Por outro lado, é intransferível. Exemplo: Ver uma águia voando.
- Igbagbo: conhecimento legado que é transmitido para outra pessoa. Como não é uma experiência direta é uma forma mais fraca de conhecimento. Igbagbo existe em duas formas: seese e olaye.



- Seese: é o Igbagbo que pode ser verificado e assim se transformar em Imo. Exemplo: Há uma águia voando sobre sua cabeça agora.
- Olaye: Igbagbo que não pode ser verificado pela experiência direta e, portanto, precisa ser justificado por meio de bons argumentos. É a forma mais frágil de conhecimento. Exemplo. Uma águia passou por aqui, veja essa pena.

Pode-se argumentar que a experiência direta pode ser enganada por meio de ilusões. Mas, assim como há ilusões dos sentidos, também há ilusões argumentativas, falsos raciocínios e justificativas falhas.

Recentemente filósofos africanos, como Sophie Oluwole e Yemi D Ogunyemi, extraíram dessas fábulas, mitos e canções, suas essências filosóficas. A filosofia Yorubá tem duas temáticas principais: a ciência da cabeça e a cartografia do caminho.

A ciência da cabeça é uma forma de autoconhecimento. Ori significa cabeça, mas também destino e individualidade. Só isso já dá um nó na discussão sobre determinismo x livre-arbítrio. Para os yorubás, seu destino depende de quem você é, e quem você é depende do seu destino.

Na metafísica Yorubá escolhemos nosso destino antes de vir ao mundo. Definimos nossa missão e propósito antes de nascermos e seremos felizes e realizados na medida em que lembramos e cumprimos essa nossa vontade original. Nossas aptidões, tendências, gostos e interesses são pistas de nosso ori. Não há dois oris iguais e ninguém pode viver sua vida no seu lugar.

Para ajudar nesse caminho a cultura yorubá desenvolveu a cartografia dos caminhos, que é mapear antecipadamente os caminhos a serem percorridos na vida. Nesse sentido, o Ifá se propõe a servir de orientação, pois tem em si todos os problemas, desafios e dificuldade que podem ser encontrados em uma vida, bem como suas possíveis soluções.

Quase sempre essa solução envolve a construção do Iwapele (bom caráter), e o reequilíbrio das várias partes da vida, cujo domínio pertence aos orixás. As histórias dos Orixás são quase sempre sobre como uma virtude é esquecida ou levada ao extremo e como retoma sua posição divina ao ser lembrada ou equilibrada com outra virtude.

Nana, por exemplo é orixá da compreensão e do perdão, mas falha em demonstrar misericórdia a seu filho que nasceu doente e coberto de feridas. Ela o abandona e sofre muito, por isso só retoma a paz muito tempo depois, quando o próprio filho a perdoa. Só dessa pequena história aprendemos que caridade começa em casa e que todos precisamos perdoar, mas também ser perdoados.



# Akhenaton: um só Deus

Séc. XIV a.C.

Akhenaton trouxe ao mundo uma ideia ousada: a de que existe um só Deus. O criador de todas as coisas não é o deus de um povo ou de uma tribo, mas o Deus comum de toda humanidade. O Egito teve sim muitos deuses, mas foi também a terra natal do monoteísmo.

Não está claro de onde ele tirou essa ideia. Talvez ele tenha apenas resolvido popularizar os ensinamentos das Escolas de Mistérios ou talvez tenha chegado ele mesmo a esta conclusão. O fato é que isso não agradou a elite religiosa e seu reinado não durou muito.

Mas, enquanto durou, o monoteísmo de Akhenaton teve implicações nas artes, na religião e na política do Egito. O nome deste deus diferente era Aton e ele era diferente em muitas formas.

Aton não tinha atributos humanos, mas características únicas, como a de estar presente em toda parte e saber de todas as coisas. Ele devia ser adorado, mas não podia ser manipulado com rituais e sacrifícios e talvez este tenha sido o grande desconforto que causou aos sacerdotes, acostumados ao poder.

Além disso, Aton não podia ser representado com formas humanas ou animais. Em vez disso, uma abstração do disco solar era seu símbolo, que iluminava a vida de todos.

A representação do próprio faraó também mudou. Contrastando com os faraós anteriores sempre esculpidos com perfeição, ele fazia questão de ser representado exatamente como era, com lábios grossos, ancas largas e barrigudo. E em vez de cenas de guerra e

conquistas, preferiu ser representado no convívio familiar, brincando com as filhas ou jantando com a esposa.

A ideia de deus único também teve consequências políticas. Akhenaton mudou a capital de Tebas para Amarna e lá favoreceu a ascensão social de estrangeiros e abriu o Egito para a influência de outras culturas. Tribos da Síria, Palestina, Núbia e das ilhas do Mediterrâneo vinham pedir ajuda em momentos de dificuldade e prestar homenagens.

A ideia de um deus universal fez de Amarna foi a primeira cidade que pode ser chamada de cosmopolita. É muito provável que nesta época costumes e hábitos egípcios tenham sido assimilados por vários povos da região.

Mais ou menos na mesma época um notável agrupamento humano deixou o Egito levantando a bandeira do monoteísmo para além do mar vermelho. Essa influência egípcia no judaísmo pode ser vista em muitos lugares como nas similaridades entre o salmo 104 e o hino a Aton ou entre o Livro de Provérbios e às Máximas de Amenhotep.



# Escola de Alexandria: A África se abre ao mundo

Séc. I a III

A partir do século XII a.C., o reino do Egito foi dominado por assírios, persas, macedônios e finalmente pelos árabes. A tocha do saber foi levada adiante para fora do continente, principalmente por meio da filosofia grega e na sabedoria judaica. Mas, no período helenístico, o centro criativo volta mais uma vez para o Egito, em Alexandria.

Nessa época surgem alguns mitos greco-egípcios, como a adoração a Asclépio, inspirada no culto de Amenhotep, e a lenda de Hermes-Trismegisto, um grande iniciado da Escola de Sabedoria Egípcia que formou a base do hermetismo. Os livros hoje atribuídos a Hermes muito provavelmente foram escritos por várias pessoas diferentes, mas sem dúvida nenhuma representam um registro da sabedoria acumulada pelas escolas de mistérios egípcias nos séculos anteriores.

A Escola de Alexandria recebeu influências de pensadores e eruditos de vários povos e nações, então, nesse momento, se afasta um pouco de uma filosofia puramente africana.

Por outro lado, esse legado é geralmente associado à Europa, quando, na verdade, tudo ocorreu em território africano, com personalidades africanas e sob pesada influência kemética. Basta ver que a famosa Biblioteca de Alexandria não era uma coleção de pergaminhos, como já era comum na Europa, mas de papiros, como era a regra nos reinos do Egito, Kush e Axum.

A Escola de Alexandria foi berço de gerações de pensadores, poetas, astrônomos, médicos e matemáticos. Na filosofia houve três

movimentos principais: o Neopitagorismo, Neoplatonismo e o Judaísmo Helenista.





# Judaísmo helenístico: fé e razão

Séc. I

Os judeus chegaram a representar dois quintos da população de Alexandria. Além disso, como vimos, existem boas evidências de que o judaísmo foi formado dentro do contexto cultural egípcio, em especial após Akhenaton popularizar algumas ideias das escolas de mistérios. O historiador e sumo-sacerdote judeu Aristóbulo, por exemplo, estava convencido que a filosofia grega era uma derivação de fontes hebraicas.

Portanto, a mistura do judaísmo com a filosofia de Alexandria era uma consequência inevitável e em sua forma mais bem organizada veio ao mundo pelas mãos do grande nome do judaísmo helenista: Filon de Alexandria.

Filon, nascido em Alexandria e, portanto, também egípcio, começa uma tradição que dominou a idade média inteira de tentar conciliar o conteúdo bíblico - no caso, o conteúdo judaico - com a filosofia grega, já então estabelecida. Sua principal ideia é a relação do Logos platônico com a Torah, as leis e escrituras hebraicas.

Em poucas palavras: se o que lemos desafia a razão, então nossa forma de ler deve estar errada. Por isso, para Filon, às escrituras não deveriam ser entendidas literalmente, mas interpretadas de uma maneira superior. Esta maneira é a alegoria, uma forma bastante comum de conhecimento nos manuscritos egípcios (como na pena de Maat) e nas obras de Platão (como na alegoria da caverna), mas não em filósofos gregos posteriores e nem no judaísmo até então.

Assim, Filon conseguiu encontrar uma nova forma de extrair sabedoria de dentro das escrituras. Sua principal conclusão é que tanto a Torah quanto o Logos grego refletem uma mesma razão e o conhecimento verdadeiro, o instrumento de criação e orientação aos homens, assim como a imagem de Deus no mundo. Nesse aspecto,

todos esses conceitos podem ser remontados à antiga ideia de Maat, que vimos nos capítulos anteriores.

Alguns acadêmicos creem que sua compreensão do Logos, enquanto o princípio criativo de Deus, influenciou o que mais tarde ficaria conhecido por Cristologia e, portanto, a própria teologia cristã que estava prestes a nascer em sua época.

# Neopitagóricos: tudo são números

Séc. II

Os neopitagóricos foram filósofos alexandrinos que resgataram a herança da escola de Pitágoras que foi, por sua vez, um desdobramento das escolas de mistérios egípcias. Não é uma mera repetição, mas uma nova interpretação da ética e da metafísica pitagórica, com pitadas de estoicismo e aristotelismo. Não à toa surge em Alexandria grandes matemáticos como Euclides e Arquimedes.

Entre os neopitagóricos a figura histórica de Pitágoras é idealizada como um herói semidivino. Surgem aqui alguns novos textos atribuídos a ele, como as cartas pitagóricas e o famoso Versos Áureos.

Uma rápida leitura dos Versos Áureos mostra que seu estilo é muito mais semelhante aos livros sebayt de sabedoria egípcios do que a literatura da filosofia grega até então existente. Os versos são uma série de conselhos morais e prescrições próprias dos neopitagóricos. Em meio aos seus versos há também exortações ao pensamento racional:

"E não te habitues a comportares-te em todas as coisas sem regra e sem razão".

"Há entre os homens muitas formas de raciocinar, boas e más; não os admires nem os rejeiteis com muita facilidade. Mas se forem ditas falsidades, ouve-os com suavidade, e arma-te com paciência".

"Não deixes que nenhum homem, seja por palavras, seja por atos, te seduza, nem te seduzas tu ao dizeres e fazeres o que não for proveitoso para ti mesmo. Informa-te e delibera antes de atuar, para

que não cometas ações disparatadas, porque isso é próprio de um homem miserável: o falar e agir sem refletir".

"Nunca faças nada que não compreendas. Mas aprende tudo o que tens obrigação de conhecer, e assim levarás uma vida feliz".



# Neoplatonismo: a epopeia da alma

Séc. III

O neoplatonismo que surgiu em Alexandria não era apenas uma manifestação tardia do Platonismo, mas também uma combinação dele com o estoicismo, aristotelismo e uma certa dose de misticismo oriental, que foi aumentando gradualmente até se tornar gnosticismo.

Em resumo, o que motivou o Neoplatonismo foi criar formas de explicar como o mundo das ideias de Platão se torna o mundo das formas com que lidamos dia a dia. Em outras palavras, como o Ser Supremo se tornou alguém com nome, sobrenome e boletos para pagar.

Saccas e Plotino, respectivamente nascidos em Alexandria e Licópolis, no Egito, são os principais nomes desta escola.

Para eles tudo o que existe originalmente é uma emanção do Uno, Absoluto, Eterno e Imutável. A primeira emanção surge quando o Uno pensa sobre si mesmo, afinal como é a única coisa que existe não há nada mais no que poderia pensar. Nasce assim o Nous, o Espírito. Quando o Nous, por sua vez, contempla a si mesmo, surge a Alma.

A alma já tem muito mais opções, pode pensar no Uno, no Espírito, em si mesma e nas relações entre estas realidades. Assim, vai criando novas e novas emanções. O processo se repete incontáveis vezes em pensamentos cada vez mais distantes da perfeição original e assim, o Uno se perde em seu próprio pensamentos e nascemos eu, você e Plotino.

O neoplatonismo ensina que o caminho de volta é possível, ou seja, quando a alma supera as aparências do mundo e reflete sobre o Ser Perfeito, a beleza, a verdade e o bem podem transcender o mundo, suas dores e limitações e voltar ao pensamento original do cosmos.

O último nome de destaque do neoplatonismo foi, provavelmente, Hypatia, a primeira grande mulher da filosofia. De certa forma ela tentou unir o neoplatonismo com o neopitagorismo, incentivando o estudo da lógica e da matemática. Sua morte na mão de uma turba de cristãos marca o início do domínio da Igreja em Alexandria







# A Patrística: o nascimento da teologia

Séc. IV a VI.

A igreja cristã nasceu na Ásia, enquanto história, na Europa, enquanto Instituição, mas seu corpo doutrinário foi forjado no continente negro. Em outras palavras, a África inventou a teologia.

Os três primeiros séculos em que os pais da igreja desenvolveram as doutrinas cristãs, deram respostas às objeções pagãs e fundaram os dogmas centrais da fé ocorreram todos no continente africano.

Quase todos os seus grandes nomes da patrística nasceram na África. Clemente, Cirilo e Atanásio são apenas alguns dos exemplos. São tantos que selecionei outros três nomes para dar uma ideia da influência que tiveram no mundo todo:

Orígenes, nascido em Alexandria, foi o primeiro cristão a tentar unir as escrituras cristãs com a filosofia. Baseado na obra de Filon, ele formulou o conceito de Trindade. Diferenciou a lei dos homens da lei de Deus e defendeu a ideia da preexistência, em que a matéria só existe em função do espírito.

Outro nome importante foi Tertuliano, que nasceu no Cartago, atual Tunísia. Ele formulou várias das doutrinas da cristologia, mariologia e eclesiologia hoje amplamente aceitas pelos cristãos. Defendeu, em suas obras, que Cristo podia sim ter uma natureza divina e humana, sem que houvesse contusão ou redução entre elas.

Por fim, o maior nome da filosofia medieval é também africano, Santo Agostinho, que nasceu em Hipona, atual Argélia, e foi o grande expoente da patrística. Ele formulou a ideia do pecado original, a teologia da história e fez grandes avanços na discussão da existência do mal e do livre arbítrio. Seu trabalho é tão monumental que separamos um capítulo para ele.

Além desses, os chamados padres do deserto, como Paulo de Tebas e Antão, também fizeram morada no deserto africano de Nítria. Eles criaram um estilo de vida que influenciou todos os movimentos monásticos e puritanos que vieram nos séculos seguintes.

Com tudo isso exposto não há dúvida: a doutrina cristã brotou para o mundo a partir do solo africano.

# Santo Agostinho: o gênio da Argélia

de 353 à 430

Santo Agostinho foi o grande nome capaz de unir a filosofia metafísica de seu tempo com os conceitos religiosos cristãos. Mas, além disso, ele também explorou diversos tópicos que até então ninguém tinha estudado na história da filosofia.

Um desses tópicos foi o conceito de Tempo, que Agostinho entendeu ser não uma realidade universal e onipresente, mas uma dentre as muitas criaturas de Deus. Isso significa que a realidade divina está além do tempo e, portanto, além da história. E mais do que isso, as coisas que fazemos dentro da história e do tempo têm consequências reais que refletem na atemporalidade de Deus, e, portanto, nossas escolhas têm consequências eternas. Deus, estando além do tempo, não tira nosso poder de escolha, embora já saiba desde sempre o que vamos escolher.

Outro conceito que Agostinho ousou filosofar a respeito foi a questão do Mal. Ele escancarou algo que poucos de nós gosta de admitir: que há prazer em praticar o mal. Nossos vícios nem sempre são justificados por uma necessidade ou intemperança, mas muito são escolhas conscientes. Essa adoração pela própria falta ele identificou como o pecado.

Mas, se Deus é bom e todo poderoso, por que há mal no mundo? A resposta de Agostinho é que Deus não criou o mal, pois o mal não é algo, mas sim a falta de algo, assim como trevas são a ausência de luz. O mal do cego é a falta de visão, o do ladrão, a falta de honestidade. Essas coisas surgem devido ao mal-uso do livre arbítrio em que a alma voluntária e conscientemente escolhe se afastar de Deus.

Se Deus permite o mal é porque disso tudo tira um bem ainda maior, que muitas vezes nos escapa. O mal do universo contribui para um

bem total maior do que aquele que poderia existir sem o mal. Ao homem resta confiar em Deus e colaborar, segundo sua capacidade, para que o bem prevaleça.

Mesmo os males naturais, como doenças e terremotos, existem devido ao afastamento de Deus que as coisas criadas necessariamente têm. Tal privação é inescapável de qualquer um que não seja Deus, pois se fosse idêntico em perfeição seria o próprio Deus. Mas as coisas não são más e sim imperfeitas. O mal só existe onde há escolhas. Daqui nasce também a ideia de “Pecado original”, outra novidade de Agostinho.

Por isso há algo no mundo que impele as escolhas ao erro. A vontade precede o intelecto, portanto, a virtude não é uma ordem da razão, mas ordem de amor. A única forma de superar nossa tendência ao mal é um socorro vindo do céu, em uma realidade acima do mal. Somente a graça de Deus pode permitir que os homens sejam virtuosos. Assim, como a luz física é necessária para ver qualquer coisa física, a luz espiritual (logos) é necessária para conhecermos as verdades eternas e possamos escolhê-las. A graça de Deus não substitui a escolha humana, mas a reabilita em um mundo entorpecido por nossas próprias más escolhas.



# Reino do Congo: a força como valor

Séc. XIV a XV

O Reino do Congo floresceu no território que hoje inclui os países de Camarões, Congo, Angola e Gana. Em seu livro “Filosofia Bantu”, Placide Tempels buscou codificar o pensamento cultural destes povos. Segundo ele, a Força é o valor mais importante de sua maneira de pensar.

Não se trata apenas de força física, mas uma força total na integridade do ser, uma “vontade de ser”. Uma força vital que está presente em tudo aquilo que é e que recebe vários nomes nas tribos da família Bantu como mana, bwanga, kanga etc.

A Força não é um atributo do ser, mas é o próprio ser. Ser é tudo o que tem força e um ser sem força é impossível. Para os bantu, a existência não é binária, ser ou não ser, vivo-morto mais existe uma graduação do ser baseada na intensidade desta força.

## Ética

A centralidade da força está presente na ética bantu. O bem, na filosofia, é sempre o fortalecimento do ser por meio de conquistas, aprendizados e fortalecimento do corpo, da mente e da vontade. O mal é sempre a diminuição ou aniquilação da força e da vida, se manifestando em doenças, tristezas, injustiças e fracassos.

Quando um bantu ou sua comunidade cresce, se desenvolve, aprende ou exercita sua razão e vontade, ele entende que está se tornando um ser maior, e não que está apenas desenvolvendo suas qualidades. Ele é mais ser do que era antes.

Quando ele esquece, se fere ou tem preguiça, ele está sendo menos. Como o ser é gradual, todos podem e devem fortalecer a si mesmos.



Renovar sua força vital, extraindo a força dos outros seres é, portanto, algo nobre e o ser subjugado é também enobrecido, pois sua força é parte agora de algo superior. Portanto, não há nada de errado em um bode comer grama, um homem comer um bode ou um homem dar sua vida em batalha.

### Hierarquia da causalidade

Já que ser é força, tudo o que existe no universo é um tipo de força. Os seres, na visão bantu, não são diferentes categorias ou substâncias independentes, mas parte de um mesmo fluxo de força vital que os une e os organiza de maneira hierárquica.

No topo está o deus único, que recebe nomes como Mukomo, que significa “O Poderoso” ou “O Mais Forte”. É aquele que é a força em si e a fonte da força em cada criatura. Todas as outras forças derivam e dependem continuamente de Deus. Em relação às outras forças, é ele que aumenta ou diminui suas existências, dando mais ou menos de si.

Muntu são forças dotadas de inteligência e vontade. Pode se referir a qualquer pessoa, seja criança, homem, mulher ou espírito. A consciência é, ela mesma, a manifestação de que uma força atingiu um certo grau de elevação.

No mundo dos homens, a força mais velha sempre domina as mais jovens, pois sua força se origina dela e está mais próxima da fonte original, que é Deus.. Em termos sociais, isso resulta na gerontocracia, no culto aos ancestrais, na exaltação semidivina dos fundadores das tribos, no domínio por parte dos chefes de família e na importância da primogenitura.

Por fim, abaixo das pessoas, estão ainda os animais e vegetais. Mesmo as coisas inanimadas são vistas como possuindo um grau pequeno de força vital. Os bintu são essas forças sem consciência, como uma pedra ou uma flecha, mas que também fazem parte de uma mesma catarata de força vital que emana de Deus.

# A Cultura Acã

[período?]

Os acãs são um grupo étnico presente hoje em Gana e Costa do Marfim e no Caribe, desde a diáspora. Sua cultura oral é antiga e perpetuou-se na forma de provérbios e narrativas populares. Essa cultura foi, mais tarde, codificada no século XX pelos etno-filósofos Kwasi Wiredu e Kwame Gyekye.

Para os Acãs, existe uma diferença entre ser uma pessoa e ser um ser humano. Para entender isso eles explicam que nosso ser é composto de três partes principais: o Homam (corpo), o Okra (essência divina) e Sumsun (personalidade)

Homam é o corpo. Não persiste após a morte, pois não morre, apenas se transforma. Um corpo pode ou não ter vida, então algo fora dele o faz viver. Okra é essa fagulha divina, a consciência. Os animais também a tem. Mas para tornar-se uma pessoa é preciso desenvolver, além disso, seu Sumsun, sua personalidade.

A personalidade não vem ao nascer, mas é criada na interação social. A condição de “pessoa” é definida em termos de conquistas sociais e relações pessoais. No mínimo deve-se cuidar da família, mas quanto maior o círculo de cooperação mais “pessoa” o ser humano se torna.

Quem não recebe nenhum reconhecimento social, não desenvolve o Sumsun e não tem nenhum status moral. A personalidade é, na cultura Acã, uma recompensa pela contribuição ao bem comum. Isso promove um ambiente social de cooperação capaz de resolver a maior parte dos problemas coletivos.

Mas também cria algumas particularidades culturais. Crianças, quando morrem, não recebem funeral, pois não colaboraram com ninguém. Os rituais de passagens não marcam a transformação delas em adultos, mas sim em pessoas. O pior castigo possível não é a pena de morte, mas a expulsão da tribo, pois sem contato humano não se pode desenvolver seu Sumsun.



# Filosofia no Período Colonial

Séc XVII e XVIII

No período colonial a cultura europeia se impôs como uma realidade dominante no continente Africano. Nesse mesmo período muitos intelectuais africanos ganharam fama, a partir do século XIX, especialmente em Libéria e Serra Leoa.

Já influenciados pela filosofia ocidental, trataram de assuntos tão variados como religião e tecnologia, ciência e escravidão. Mas a identidade africana não se perdeu posto que pensadores como Edward Blyden, Africanus Horton, James Johnson, e Alexander Crummell formularam argumentos que podem ser considerados como respostas africanas a certas posições europeias.

A escravidão só foi abolida no Império Britânico em 1833 e, no Brasil, apenas em 1888. Neste período a preservação de uma identidade Africana e Negra tomou forma de respostas à lógica racista da colonização e um esforço gradual pela independência nacional.

São estes assuntos que veremos nos capítulos seguintes.



# Kocc Burna Fall: o sábio rabugento

Séc. XVI

Escravidão não nasceu no séc. XVI. Muitos povos já conviveram com essa realidade antes, mas o colonialismo europeu fez a escravidão crescer em escala intercontinental e lhe deu um caráter completamente novo alicerçado em quatro componentes principais: 1 - o forte fator racial, 2 - a natureza hereditária, 3 - o caráter perpétuo. No mundo antigo a escravidão era em geral resultado do não cumprimento de dívidas e de prisões de guerras e frequentemente temporária ou condicional.

Prisioneiros eram comprados e vendidos por todo litoral e surgiram assim elites predatórias dentro da África que unificaram tribos pela força e criaram regimes militarizados. Quando haviam poucos criminosos de guerra, tudo valia para atender a demanda por escravos. Relatos falam de autoridades usando pretextos como atraso de impostos e insubordinação para vender o próprio povo aos estrangeiros. Kocc Burna foi um dos primeiros filósofos a se opor a essa situação.

Séculos antes do abolicionismo Kocc criticou essa tirania. Disse em seu Discurso a um Cadáver:

"Diga aos nossos antepassados que hoje a morte é melhor que a vida... pois são escravos que comandam hoje, escravos que executam as vontades injustas de seu mestre, para serem favorecidos.

E ele não ficou só na teoria. Em 1647 conseguiu destronar um rei escravagista por meio de jogadas políticas de um conselho tradicional de sábios. Hoje, virou uma figura lendária em Senegal, chamado de "Nosso Avô" e é conhecido seus adágios amargos e desconfiados. Seguem alguns:

- “Não há falta de homens que desejem ser bons, mas sim dos que procuram ser”.
- “Se quiser tirar a dignidade de uma pessoa, dê-lhe algo para comer todos os dias”.
- “Um amigo é único, não pode e nem tem plural”.
- “Quando um filho não está feliz no teto do pai, é sua mãe que fica impaciente”.
- “Quem passa por todas as estradas perde o caminho de casa”.
- “Três coisas quando concordam são irresistíveis: a mulher, o rei e o diabo”.

Ele tinha quatro tufo de cabelo que dizia representar as quatro verdades que descobriu na vida. Estas verdades são:

- Um rei não é pai nem protetor.
- Um filho adotivo é uma guerra civil.
- Ame as mulheres, mas não confie nela.
- É bom haver velhos na aldeia.

Quando o rei soube da primeira máxima ficou furioso e condenou Kocc Burna a morte, mas ele conseguiu convencer o rei a poupá-lo, pois isso mostraria que ele estava certo.





# Zara Yacob: a origem etíope do racionalismo

Sec. XVII d.C.

Duas características fazem da Etiópia um país interessante para a história da filosofia. O primeiro é que foi um dos poucos países que nunca foi colonizado na África (o outro é a Libéria). Além disso, a Etiópia tem uma tradição escrita que complementa e enriquece sua tradição oral. A Etiópia segue uma continuidade filosófica a partir da Escola de Alexandria e começa a se desenvolver de forma independente a partir do século V.

Mas foi no século XVII que surgiu Zara Yacob, fundador do racionalismo e Walda Heywat, seu continuador. O tema central de Zara Yacob foi o Hataka (O Questionamento), a verificação minuciosa dos fatos e a eliminação de tudo aquilo que não pudesse ser justificado pela razão. Para todos os efeitos, uma escola racionalista.

Esses pensadores surgiram na mesma época que Descartes, mas algumas diferenças e a lentidão com que a informação viajava no século XV nos faz crer que se tratam de escolas independentes.

Zara Yacob foi um teísta, mas também um grande crítico das religiões e, em particular, da igreja cristã. Sua postura crítica o fez alvo de perseguição e o obrigou a viver algum tempo escondido em uma caverna, onde escreveu sobre religião e filosofia. Ele usou o argumento cosmológico para mostrar a existência de Deus, mas contestou a existência de milagres e as autoridades religiosas.

Existem muitas fés e interpretações dos textos sagrados e não há consenso entre elas, portanto, nenhuma dessas posições é melhor justificada do que as demais. Sua conclusão é que Deus existe, mas

as religiões são criadas pelos seres humanos e são todas igualmente falsas.

Yacob diz que a existência da razão é inegável e, portanto, é dada por Deus para ser usada no lugar de nos deixar ser enganados por charlatões. Afinal, se Deus quisesse que qualquer conjunto de regras ou dogmas fosse absoluto, não teria as apresentado em meio a tantas alternativas discordantes e sim por um meio único e universal. Portanto, Deus quer que usemos a razão para avaliar todas as teorias que nos chegam.

Em resumo, Yacob defende que fomos criados por uma causa sem causas e assume que esta causa teve uma razão. Nosso propósito, portanto, pode ser inferido pela forma como fomos criados. Fomos criados como seres racionais e inteligentes e, portanto, devemos agir racionalmente. Em particular a razão deve ser usada contra aqueles que se dizem porta vozes de Deus

A ideia de que Deus nos criou de certa maneira e que portanto devemos agir baseado na maneira como fomos criados é usada para tirar outras conclusões. Por exemplo: como existe um número similar se homens e mulheres, a poligamia é um erro. Como dependemos da comida para viver e temos fome, a prática do jejum é equivocada.

Ele também concluiu que, como o sentido de razão e moralidade estão universalmente distribuídos entre os povos, qualquer sectarismo é um erro. Nenhum grupo étnico, religioso ou gênero tem a exclusividade da razão e, portanto, ninguém tem acesso privilegiado à palavra de Deus.

Além disso, não existe nenhum conjunto de crenças ou rituais que torne a pessoa mais sagrada ou que garanta algum tipo de acesso exclusivo a Deus ou à vida após a morte, pois se isso fosse real, Deus não revelaria a apenas algum grupo histórica e geograficamente limitado no mundo.



# Anton Wilhelm Amo: empirismo em Gana

Séc. XVIII

Nascido em Gana, foi de escravo vendido na Alemanha para se tornar o primeiro africano a frequentar e dar aula em uma universidade. Formulou um empirismo próximo, porém distinto, do de Hume, que questionou o dualismo cartesiano dominante da época.

Anton desafiou a ideia de Descartes que corpo e mente são substâncias distintas que interagem entre si pela glândula pineal. Como médico, ele defendia que os sentidos e as sensações pertencem necessariamente ao corpo, sem o qual seriam impossíveis qualquer mente.

Supôs que, havendo um espírito sem corpo, este não seria diferente de uma pedra. Tudo o que vive pode ser morto, mas nem a pedra nem o espírito podem ser. “Tudo o que vive necessariamente sente e tudo o que sente necessariamente vive”, mas pedra e espírito não têm órgãos para sentir.

Dizia que sentimos com o corpo, não com a mente: “A natureza ensina por essas sensações de dor, fome, sede, que não estou presente em meu corpo como marinheiro no navio. Estou a ele ligado de modo muito estreito e como que misturado com ele a ponto de com ele compor uma só coisa”

Assim, ele negou o dualismo ao afirmar que a vida exige uma realidade tanto mental como corpórea. De fato, a mente só toma conhecimento das sensações do corpo se há uma união substancial entre ambos, ou seja, se forem uma coisa só.





# Edward Wilmot Blyden: o ser africano

Séc. XIX

Conhecido como o pai do Pan-africanismo e como um dos primeiros filósofos africanos a articular uma noção de "personalidade africana". Para ele, certas singularidades da raça negra permitiriam uma Renascença Africana, se soubessem proteger sua cultura das influências externas de outras raças.

A ideia de raças humanas entrou na moda entre intelectuais na virada do século XIX. A diferença do pensamento de Blyden é que a hierarquia entre as raças é substituída pela prosperidade paralela entre elas.

Em "*African life and Customs*" ele examinou a estrutura da sociedade africana entre os povos não contatados, nem por cristão europeus, nem por muçulmanos do oriente. Ele identificou, com isso, a família poligâmica como unidade básica da sociedade africana e descreveu o sistema dessa sociedade como essencialmente cooperativa, onde todos trabalham por todos. Ninguém é privado nem do trabalho nem dos cuidados, como comida, remédios e roupas.

Ele desafiou as teorias racistas de que os africanos são inferiores. Para ele, não existem raças superiores ou inferiores, mas diferentes. Cada raça é portadora de talentos peculiares que podem colaborar para a humanidade como um todo. "Na música do universo cada raça é um som próprio e necessário dentro de uma grande sinfonia".

O branco europeu, mais competitivo e combativo, cria uma civilização cada vez mais não religiosa e materialista, enquanto a cultura africana é alicerçada no serviço mútuo, na conciliação e na gentileza.

Além disso, para Blyden, os africanos são os guardiões da espiritualidade e da musicalidade e antecipou que um dia os povos do mundo se afundariam tanto no materialismo que se voltariam ao continente negro para recuperar alguns dos simples elementos de suas próprias fés.

Defendia a ideia de pureza racial como um instrumento que poderia manter as características fortes de cada raça. Para isso, as etnias negras deviam se homogeneizar entre si, mas toda miscigenação com outras raças seria um erro. Colocou-se ainda contra a migração de afrodescendentes misturados com outras raças para a África e era a favor da proibição de casamentos inter-raciais.





# James Africanus Beale Horton: não existem raças

Séc. XIX

Alguns pensadores africanos usaram as teorias racistas dos colonizadores para exaltar as qualidades da raça negra. Não foi esse o caso de James Horton que, em vez disso, rejeitou completamente a ideia básica das diferenças raciais e, junto com elas, a justificativa para a exploração.

Sendo médico, Horton sabia que as diferenças externas entre as raças não são o bastante para justificar as diferenças entre os povos. Para ele, o fator determinante não é a raça, mas a educação que o povo recebe.

Demonstrou, por meio de registros históricos, que os ingleses já foram considerados selvagens pelos romanos. Cita pensadores romanos para mostrar que os bretões eram vistos como incapazes de qualquer realização digna de ser chamada de civilização ou de aprender coisas como música e matemática:

Citando Cícero: “Eles se vestem de maneira escandalosa, pintam seus corpos de maneiras fantásticas, oferecem sacrifícios humanos para atender seus deuses e vivem em árvores ocas em habitações primitivas”.

Os bretões eram bárbaros, mas sua sociedade progrediu quando adquiriu e aprimorou os avanços dos romanos. Mais tarde os

ingleses teriam os mesmos preconceitos com os vikings do norte, tidos como além de qualquer possibilidade de educação e civilização.

Horton usou essas evidências históricas para desbancar a retórica racista e defendeu que todas as raças possuem capacidade em um conceito bem prático do que é civilização. Ser civilizado é ser avançado em ciência, sofisticação cultural, técnica e produtividade. É buscar o avanço nas indústrias, o aprimoramento das técnicas e das artes bem como melhores formas de administração para governar.

Por estas razões Horton foi politicamente bastante ativo. Além de abolicionista, foi um dos primeiros a defender a independência das nações africanas e lutou pela criação de universidades no continente. Foi também um grande promotor da educação formal, compulsória e universal.

# Filosofia Moderna na África

Seç. XX (1914- 1975)

Após a segunda guerra mundial, a independência das colônias iniciou uma nova fase na filosofia africana, duas principais correntes são as dos países de língua francesa e os de língua inglesa e seus expoentes estão tanto dentro do continente africano como nos países que receberam populações negras durante a diáspora.

No lado do idioma francês veremos filósofos de países como Senegal, Martinica, Camarões e conheceremos pensadores relevantes como Léopold Sédar Senghor, Aimé Césaire, Frantz Fanon e Achille Mbembe.

Já no mundo da língua inglesa vamos conhecer o pensamento que se desenvolveu em países como Quênia, Gana, Costa do Marfim e conheceremos pensadores importantes como John Mbiti, Kwasi Wiredu, Kwame Gyekye, Hountondji e Oruka.

Infelizmente o autor foi incapaz de identificar filósofos africanos de língua portuguesa. Assim caso o leitor conheça nomes relevantes de países como Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor Leste por favor entre em contato no e-mail na última página deste livro. Ficaria muito feliz de incluí-los em uma futura edição.



# **A Escola Francófona**



# Léopold Sédar Senghor: humanismo africano

1906 a 2001

Este poeta e primeiro presidente de Senegal foi também um dos primeiros filósofos pós-independência dos países africanos e responsável por fundar a filosofia da Negritude do Humanismo Africano.

Dizia que os africanos têm uma maneira própria de “conhecer as coisas por participação”. Em vez de se distanciar do objeto, a epistemologia africana de Senghor mergulha nele. Segundo ele, em vez de analisar separando em suas partes, a mente africana busca tocar, apalpar e sentir o objeto tal como se apresenta.

Por isso existe incorporação dos deuses nas religiões africanas. Por isso também, ensina Senghor, a arte africana não tenta nem reproduzir nem embelezar a realidade, mas sim estabelecer uma conexão com ela, com suas máscaras, ornamentos, pinturas corporais, esculturas expressivas e ritmo envolvente.

Essa visão está presente na sua crítica política. Senghor entendia que algo importante se perdeu na análise marxista. A ansiedade pela dignidade e liberdade foi o fermento revolucionário que animou pensamento de Marx, mas esses valores se tornaram desconhecidos no Comunismo e particularmente no Stalinismo.

Para Senghor, a obra “O Capital” afirma determinismo e materialismo em detrimento da ética e da metafísica, para então reintroduzir uma metafísica dialética em sua conclusão. Isso cria uma metafísica desumana, onde a mente é sacrificada à matéria, a liberdade ao determinismo e o homem às coisas.



Como alternativa ele propôs o Humanismo Africano que busca dar um rosto humano ao socialismo, ou seja, que entende que o ser humano é sempre alguém histórica, geográfica, cultural e socialmente contextualizado.

Para Senghor, tomar consciência do que significa ser africano, negro e senegalês no século XX era condição essencial para reumanizar a dignidade do seu país, pois essa dignidade é apenas parcialmente material e permeia toda cultura.

Com essa visão do mundo, fundou, junto de Aimé Césaire, o movimento da Negritude, uma corrente literária e filosófica que busca a autocompreensão e exaltação do modo de ser negro e do modo viver africano, denunciando o impacto negativo da colonização.

Vale ressaltar que ele esteve preso em um campo de concentração nazista, então conhecia as armadilhas do orgulho nacional e racial. Por isso dizia que a negritude senegalesa devia ser vista dentro de pan-africanismo e este nunca perder o alvo do humanismo universal, com o ser humano como fim, medida e primeira consideração.



# Aimé Césaire: negritude

1913 a 2008

Em 1934 Césaire fundou, com outros estudantes, o jornal " L'Étudiant noir " (O Estudante negro). Nessas páginas surge pela primeira vez o termo "Négritude", principal temática de sua filosofia e literatura.

A Négritude é um movimento intelectual de denúncia dos males da colonização e propõe como seu remédio a autoafirmação das pessoas negras, seus valores e sua cultura. É um movimento de revolta contra a desvalorização de África e contra a opressão cultural europeia.

Césaire disse: "Quem sou eu? É a questão que Descartes coloca, um leitor do filósofo francês naturalmente entende esta questão como universal e esse "Eu" equivale a qualquer ser humano. Mas quando o "quem sou eu? " precisa ser traduzido como "quem somos nós?" tudo muda.....especialmente se "nós" temos que nos definir contra um mundo onde não temos espaço por sermos negros, em um mundo onde o "universal" é naturalmente visto como "branco". A questão que o movimento de Négritude se vê obrigado a responder é "quem somos nós neste mundo branco? "

Em seu "Discurso sobre o colonialismo" Césaire apresenta uma análise implacável, não apenas do fenômeno histórico do colonialismo, mas da ideologia por trás dele, comparando-a com o nazismo e provocando os intelectuais europeus a se manifestarem.

"Uma civilização incapaz de resolver os problemas que ela causa é uma civilização decadente. Uma civilização que opta por fechar os olhos para seus problemas mais cruciais é uma civilização afetada. (...) A Europa é indefensável".



# Frantz Fanon: a necessidade da descolonização

1925 a 1961

Fanon ficou famoso por sua visão do colonialismo e descolonização, assim como os aspectos psicológicos do racismo. Sua análise é que nos países colonizados há dois fatos psicológicos: o branco se considera superior ao negro e o negro quer ser branco. Em outras palavras, o sonho e aspirações dos povos colonizados são formados pela cultura dominante, que a define como uma “existência branca”. Mas isso é, por definição, impossível e neste modelo das coisas o negro sempre fracassará em ser aceito. “O oprimido vai sempre acreditar no pior sobre si mesmo”.

O dilema é inescapável. “Quando gostam de mim, gostam, ‘apesar da minha cor’. Quando não gostam é por causa da minha cor. De qualquer forma estou preso em um círculo infernal”. Buscar uma “existência branca” tem vários outros efeitos negativos:

- Fracassa em lidar com o racismo.
- Gera uma constante sensação de fracasso.
- Mascara e tolera a desigualdade.
- Insinua uma insuperável superioridade branca.

Mas o buraco é ainda mais embaixo. Para Fanon, não adianta defender uma visão negra da negritude porque “a alma do homem negro é um artefato do homem branco”, ou seja, o próprio ser negro é resultado da ideologia europeia. As pessoas da África aprenderam que são negras depois do contato com a Europa.

Fanon dizia que a única solução possível é superar os pressupostos da cultura branca e transcender seu paradigma racial ao invés de o inverter. “Quando nos revoltamos, não é por uma cultura particular.

Nós nos revoltamos simplesmente porque, por muitas razões, não conseguimos mais respirar”.

Fanon defendeu a resistência a toda forma de opressão, se necessário for, com violência, como foi contra o colonialismo francês e o fascismo alemão. Mas a violência mais libertadora é a que rompe as distorções coloniais da forma de pensar. "Encontro-me no mundo e reconheço que tenho apenas um direito, o de exigir um comportamento humano do outro".



# Achille Mbembe: capitalismo e necropolítica

1957

Mbembe nasceu nos Camarões, quando este ainda era uma colônia francesa. Mais do que um teórico pós-colonial, sua filosofia fala de uma nova realidade, na qual a Europa não é mais o centro do mundo.

Ele transpõe o conceito de “Negro” para uma condição universal, onde cada vez mais pessoas estarão sujeitas a uma existência subalterna de uma humanidade castrada. A razão disso é a atual contradição entre duas criações europeias: a democracia liberal e o capitalismo.

Essa é a grande crise de nossa época e o amargo despertar do sonho iluminista. O capitalismo e a democracia venceram o nazismo e o comunismo, mas andam cada vez mais separados. Em outras palavras, cada vez mais os anseios democráticos divergem dos interesses financeiros.

“Os riscos sistemáticos aos quais os escravos negros foram expostos durante o primeiro capitalismo constituem agora, se não a norma, pelo menos o quinhão de todas as humanidades subalternas”.

Hoje, as exigências da democracia não são mais compatíveis com a lógica interna do capitalismo financeiro. É provável que o choque entre estas duas ideias e princípios seja o acontecimento mais significativo da paisagem política da primeira metade do século XXI.

Existem muitos termômetros dessa situação, como triunfo do "ganhar a qualquer custo" e da política do autoritarismo populista, mas principalmente no crescente controle de todo aparato estatal (da força policial às casas de lei) nas mãos de uma elite econômica cada vez menor.



A transformação da política em negócio coloca o risco da própria possibilidade de política: "A política se converterá na luta de rua e a razão não importará. Nem os fatos. A política voltará a ser um assunto de sobrevivência brutal em um ambiente ultracompetitivo".

Mbembe leva o conceito de biopoder de Foucault às últimas consequências: a Necropolítica, zonas da morte onde se mata ou se deixa morrer quem não tem serventia ou atrapalha as estruturas de poder, onde a morte é tanto a arma final da dominação como a principal forma de resistência.

Diz que, expostas à violência contínua as pessoas se tornam presas políticas, ansiando por qualquer sentimento de certeza (o sagrado, a hierarquia, a religião, a tradição). Os políticos de sucesso serão as que prometeram isso às multidões de perdedores.

Ele é, portanto, um pessimista assumido. Para ele, a realidade da colonização nunca foi superada, pelo contrário, a exploração cresceu em escala e complexidade. Para Achille Mbembe o passado da África é o futuro da humanidade.

# **A Escola Anglófona de Filosofia**

# John Mbiti: Ubuntu, identidade na coletividade

1931-2019

Como teólogo, o queniano Mbiti foi o primeiro a desafiar a visão preconceituosa cristã de que os cultos tradicionais africanos são demoníacos. Como filósofo, foi pioneiro em mostrar que todas as religiões africanas compartilham uma mesma base filosófica, fruto de uma ancestralidade em comum.

Além de similaridades nas crenças de Deus, reencarnação e nos mitos de criação, existem conceitos abstratos em comum, como a noção de tempo, de pessoa e de coletividade. Mbiti defendeu que certos valores e modos de ser e de ver o mundo formam uma base comum entre as centenas de culturas africanas.

A forma de perceber o tempo, por exemplo, não é linear como na Europa ou cíclica como no oriente. Na África, o tempo não é algo que passa, mas algo que se cria. Como uma teia que tecemos, mas também na qual vivemos. Tempo é "a composição de eventos que ocorreram, ocorrem ou vão ocorrer em breve".

Não existem verbos para falar do futuro longínquo, pois ele não existe ainda. Se nada acontecesse, o tempo não passaria. Por isso não existe na mente africana o conceito de pressa ou "perder tempo". Como o tempo é baseado em eventos, embora existam números, os calendários nativos africanos são sempre simbólicos, não numéricos.

Mbiti também foi responsável por popularizar o termo Ubuntu, que ele define como: “Eu sou porque nós somos; e uma vez que somos, eu sou.” Essa palavra existe diversos outros nomes em culturas diferentes como Hunhu, Botho, Munhu, Omundu, entre outros.

Ser alguém é algo que só é possível vivendo com outras pessoas. O status moral como pessoa é criado não pelo indivíduo, mas pela coletividade. Isso não significa que não existem indivíduos, mas na ontologia africana o coletivo não é formado por particulares, mas é o particular que brota do coletivo.

“O que quer que ocorra como um indivíduo, ocorre com o grupo, o que quer que ocorra com o grupo ocorre com o indivíduo”. Por isso o casamento não é a união de dois indivíduos, mas de duas famílias e existem provérbios como "É preciso uma vila para criar um filho".

As obras de Mbiti são recheadas de conceitos interessantes como esses que tentam extrair significados filosóficos por trás de tradições presentes em toda África.



# Kwasi Wiredu: a releitura de todo o saber

1931

Criticando pressupostos de colonizados e colonizadores Wiredu criou uma filosofia ao universalmente relevante e, ao mesmo tempo, essencialmente africana.

Wiredu foi o primeiro a questionar se a etnofilosofia que apresenta as visões tradicionais africanas como escolas filosóficas é realmente filosofia. Dizia que qualquer povo no mundo tem suas crenças e uma visão geral das coisas, mas acrescentou que o exercício filosófico exige algo mais: a análise crítica e argumentação rigorosa.

Foi isso que ele tentou acrescentar em sua análise do pensamento africano. Wiredu reconhecia que a cultura, no caso dele a cultura Acã, tem um papel importante na base filosófica. É a cultura que ao mesmo tempo possibilita e limita a filosofia, sua ponte e seu muro.

Os idiomas em particular são muito influentes na nossa forma de pensar. Os pensamentos de um chinês terão o viés próprio do mandarim. Nós não apenas aprendemos a falar neste idioma, mas moldamos nossas mentes ao redor de nossa linguagem.

Em Acã, por exemplo, é impossível dizer "x é verdadeiro", apenas "x te saa" ou "x é assim". Por isso a mente Acã não encara a verdade como uma realidade eterna e objetiva. Toda verdade é sempre descoberta e demonstrada por alguém e pode ser corrigida, ou melhor, explicada no futuro.

Alguns idiomas podem questionar o que outros idiomas simplesmente não enxergam. Os filósofos africanos têm uma oportunidade única de reexaminar muitos dos pressupostos europeus ao submetê-los a questionamentos baseados em suas línguas, para isso ele propõe a Descolonização Conceitual. Um reexame da formação do saber que

possa usar a análise linguística para subverter os aspectos falhos e desagradáveis, tanto das culturas tribais quanto a dos colonizadores.

Wiredu enfatiza que um elemento importante a ser considerado na descolonização é a consciência de que nada deve ser aceito só por ser tribal e tradicional e nem nada deve ser descartado só porque faz parte da herança colonial.

A descolonização implica em uma espécie de mútuo-refinamento entre as culturas e idiomas, através da devida reflexão em busca de universais culturais: os elementos do pensamento que cruzam todas as culturas e possuem validade universal.





# Kwami Gyekye: ouvindo a cultura oral

1939-2019

Filosofia é a propensão de alguns indivíduos em refletir profunda e criticamente sobre as questões fundamentais da experiência humana. Gyekye defendeu que na África esses indivíduos estão presentes nas figuras dos sábios, que não apenas reproduzem a cultura, mas a transformam.

Gyekye fez uma “pesquisa de campo” e contatou os sábios em sociedades tradicionais em Gana, pedindo que explicassem os conceitos por trás dos provérbios e adágios populares. Dessa forma, ele acessou a tradição por meio de uma pessoa representativa, dando à cultura oral a chance de explicar a si mesma.

A premissa aqui é que, embora a maioria das sociedades exija um certo grau de conformidade de crenças e comportamento regrado de seus membros, alguns desses membros (os sábios) chegam a níveis superiores de conhecimento e entendimento de suas culturas e visão de mundo.

Gyekye deu à cultura oral a chance de explicar a si mesma em vez de limitar-se a interpretação e análise linguística. O resultado foi a compreensão de um substrato filosófico mais sistemático, cobrindo tópicos como Deus, Causalidade, Livre arbítrio e Ética.

Além disso, Gyekye pode desfazer alguns mitos antigos sobre o pensamento africano. Por exemplo, ele documentou a centralidade no bem-estar da comunidade como maior critério ético – superior, por exemplo, à religiosidade. Não que a crença no sobrenatural não seja importante, mas "o que constitui o bem é determinado não por seres espirituais, mas por seres humanos".



# Hountondji: a filosofia africana ainda será escrita

1942

Não existe filosofia Africana, pelo menos não ainda. Essa é a tese provocativa do filósofo costa-marfinense Paulin J. Hountondji. Ele foi um grande crítico da etnofilosofia de trabalhos anteriores como Mbiti, Wiredu e Gyekye. Segundo ele, esses autores não avançam para além da análise de cosmovisão popular acumulada.

A filosofia, para ele, não é tão pouco a explicação do que há por trás das crenças tradicionais, isso é antropologia. Além disso, essas abordagens de tratar o senso comum e às crenças coletivas de um povo como filosofia têm a desvantagem de retratar o pensamento africano como algo estático e imutável.

Hountondji defende que filosofia, para ter esse nome, não pode ser uma justificativa das tradições tribais. Onde quer que surja, a filosofia é o oposto disso. É a contestação do pensamento mítico e dogmático.

Além disso, a prática da filosofia deve ser uma disciplina científica, teórica e individual, assim como é a matemática, a física e a linguística.

Para Hountondji, essa postura é uma herança racista da colonização que insiste que a África é inferior à Europa e, já que não poderia possuir pensadores equivalentes a Sócrates ou Zenão, é tratada de forma condescendente.

Mas Hountondji diz que a filosofia africana já existiu uma vez antes, mas se perdeu no período que vai da colonização à era dos estados-nações. Para que possa florescer, os pensadores africanos devem ter a coragem de ir não apenas contra as imposições de fora do

continente, mas também, se preciso for, contra suas próprias tradições.



# Oruka: a filosofia da sagacidade

1944-1955

O trabalho de Oruka pode ser entendido tanto como uma resposta à crítica de Hountondji quanto um avanço na proposta de Gyekye. Ele registrou a filosofia dos sábios africanos de uma nova forma, criando o que chamou "filosofia da sagacidade".

Oruka viajou por várias aldeias e documentou conversas com as pessoas consideradas sábias nesses agrupamentos. Mas, ao invés de buscar o pensamento em comum por trás das respostas, ele registrou suas ideias individualmente, incluindo seus nomes e retratos.

Para garantir "genuínos representantes da África tradicional em um ambiente moderno", Oruka limitou suas entrevistas a habitantes rurais e analfabetos, ou, como colocou, "livres do efeito de bolsa de estudos Ocidental".

Ele descobriu, assim, que existem basicamente dois tipos de sábios na África tradicional: os sábios populares e os sábios filosóficos. Os primeiros são guardiões da cultura oral, mas os segundos são verdadeiros filósofos.

Os sábios filósofos são aqueles que adotam uma postura crítica e pessoal da realidade, questionando o conhecimento legado sempre que estes não atendam aos seus objetivos práticos ou aos seus critérios argumentativos.

Desvelou, assim, visões pessoais e muitas vezes críticas às tradições e ao senso comum. Alguns desses sábios, por exemplo, revelaram-se ateus, agnósticos ou panteístas desfazendo a crença da religiosidade onipresente. Outros questionavam a ideia de que o indivíduo só existe dentro e por causa da coletividade.



# Palavras finais

Obrigado por ter lido esta obra. Se você por algum motivo acredita que ela poderia melhorar, ou se sentiu falta de algum assunto importante. Por favor entre em contato com o autor pelo email [thiago.gt@gmail.com](mailto:thiago.gt@gmail.com)

Conheça também a segunda obra da coleção “Filosofia de todas as Cores”:

[Filosofia Chinesa: pensadores chineses de todos os tempos](#)

Muito obrigado!